

Minha prece, meu escudo: fé, cura e saúde em orações e cartas de moradores de Florianópolis/SC

Marcelo Sabino Martins¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo central verificar em orações impressas e manuscritas, além de cartas pessoais, aspectos da fé, cura e saúde, manifestados por moradores do interior da Ilha de Santa Catarina no tempo presente. Diários, cadernos, orações manuscritas e cartas pessoais, entre outros, podem revelar aspectos de um tempo, presente ou passado, e, segundo Maria Teresa Santos Cunha: “oferecer aos pesquisadores outras novas versões/representações das práticas individuais, políticas e sociais”. As orações revelam uma religiosidade de caráter mais privado e individual; cura e boa saúde são consideradas como dádivas divinas. As cartas e as orações manuscritas são escritas ordinárias, ou seja, que correspondem à escrita feita por pessoas comuns, muitas vezes silenciadas pelo tempo e pelo desinteresse da historiografia oficial, conforme Antônio Gómez Castillo. Tais escritas são tomadas como fontes importantes para a percepção de um tempo-espaço. São rastros de um passado que se faz presente; sinais de um tempo que ora se torna mais visível, ora parece menos aparente, mas que continua a orientar e contribuir para decisões e modos de ver o mundo. Por fim, cabe esclarecer que o texto em apreço é parte do resultado de pesquisa realizada durante o mestrado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

Palavras-chave: Escrita, cura, fé.

Orações manuscritas e impressas carregadas por moradores do interior da Ilha de Santa Catarina, parte da capital do estado de mesmo nome, além de cartas manuscritas (objetos cada vez mais raros em tempos de correspondência eletrônica), podem ser considerados registros significativos de um tempo passado que se faz presente.

As cartas e as orações manuscritas são escritas ordinárias, ou seja, aquelas que correspondem à escrita feita por pessoas comuns, muitas vezes silenciadas pelo tempo e pelo desinteresse da historiografia oficial (CASTILLO, 2001:9-34). Tais escritas são aqui tomadas como fontes importantes para a percepção de um tempo-espaço.

São, ainda, rastros de um passado que se faz presente; sinais de um tempo que ora se torna mais visível, ora parece menos aparente, e que continua a orientar e contribuir para decisões e modos de ver o mundo de importante parcela dos habitantes da Ilha de Santa Catarina no tempo presente².

¹ Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC; doutorando em História, linha de pesquisa Ciência e Cultura na História pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e professor efetivo da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Endereço eletrônico para contato: marcelo.sabino.martins@gmail.com ou marcelosabino@unir.br.

² Sobre tempo presente ver (LAGROU, 2007) e (RIOUX, 1999).

Sobre a utilização desse material como fonte é importante salientar que podem proporcionar reveladores temas de pesquisa e que muito embora sejam memórias individuais podem ser tomadas como perspectivas de representações de uma memória coletiva, conforme (CUNHA, 2000:162):

Descobertos e utilizados como importantes fontes de pesquisa, os diários [assim como as orações e as cartas pessoais] podem oferecer aos pesquisadores outras novas versões/representações das práticas individuais, políticas e sociais de uma época, além de revelar interessantes histórias pessoais [...]. Se o diário é ancorado na memória individual, esta é dada a ver pela linguagem, e cabe ao historiador enraíza-la no rol das múltiplas experiências sociais, para que cada memória pessoal possa ser vista e estudada como uma perspectiva da memória coletiva.

E é nessa perspectiva de memória coletiva³ que, ao se analisar as orações e cartas, é possível aventar a possibilidade de que, para uma parcela considerável dos moradores do interior da Ilha de Santa Catarina, no tempo presente, a fé manifesta-se de forma mais pessoal.

Dessa análise é possível perceber uma prática de fé privada e individual, observada, sobretudo, na crença em um poder de cura e proteção exercido pela palavra escrita em forma de oração manifestado por esses moradores. Nas cartas, muitas delas já amareladas pelo tempo e guardadas como que receptáculos de memórias e/ou acionadores de lembranças, pode-se verificar o quanto a saúde é considerada um bem bastante importante por parte desta parcela da população insular da cidade de Florianópolis.

Ao estarem de posse desses suportes contendo palavras consideradas sagradas, as orações escritas, esses moradores acreditavam estar livres do contágio de pestes, febres, complicações no parto e tantas outras doenças; porém, caso eles viessem a ser afetados por alguma dessas enfermidades ou males, o poder atribuído às orações escritas pode ser capaz de os curar, segundo acreditam.

O texto de algumas dessas orações reforça a crença mantida por seus possuidores no poder curativo e protetor dessas palavras, quase como um escudo protetor, desde que carregadas pelas pessoas que nelas depositam sua fé.

Mesmo o texto escrito das preces-escudos alertavam sobre os benefícios que elas poderiam proporcionar para aqueles que as portassem sempre consigo. Como pode-se

³ Sobre memória coletiva ver (POLLAK, 1989:3-15).

observar no trecho a seguir transcrito de uma oração impressa mantida em seu suporte de papel jornal e que fora recortada e carregada por seu possuidor:

Aquelle que trazer comsigo esta oração não morrerá afogado nem de má morte, será livrado do contagio da peste e do raio, não morrerá sem confissão, será livre de seus inimigos e do poder da justiça, de acções más, e de falso testemunho, e a mulher que não poder parir, pondo-lhe esta oração ao pescoço parirá logo e sahirá do perigo.⁴

Noutra oração, agora manuscrita, intitulada “Breve de Roma”, as recomendações para andar sempre com a oração e os privilégios para quem assim agir são repetidos ao longo do texto exaustivamente. É importante atentar para as semelhanças com o trecho da oração impressa citado anteriormente, o que pode indicar que a oração manuscrita fora copiada daquela impressa. Equívocos ortográficos e algumas omissões de palavras, mantidos na transcrição, encontrados na oração manuscrita, podem apontar para a possibilidade de que sua escrita tenha sido feita por uma pessoa que ouvia enquanto outra lia ou pronunciava a oração.

Quem tiver esta [oração] de Roma no pescoço está livre de todos os Perigos universaes: pestes, fome, gerra trovões. Raio, cobra Tempestade arma de fogo. Mau Parto Envenenamento Mal de Gottas Estellionato e não morrera sem confissão. Santo Deus Santo immortal, livre-me da peste e de todos males. Oh Maria concebida sem pecado original! Oh! Verdadeiro breve de N. Senhora de Roma livra de todos os partos perigosos, as mulher que estiverem esperando para dar LUZ e que sejam felizes com o favor de Deus e da Virgem Maria. [...] quem tiver esta Breve de Roma no pescoço estará livre de todos os perigos Peste fome guerra trovões raios cobras tempestades arma de fogo faca mau parto envenenamento estellionato mal de gottas não morrerá sem confissão [...]

No trecho abaixo, extraído de outra oração manuscrita, é feita uma evocação à Santa Catarina para que proteja e defenda o possuidor da prece dos mais diversos males. Ressalta-se o poder atribuído às palavras escritas que, segundo o que se pode inferir do texto, são capazes de abrandar os inimigos “carnais” e “espirituais”.

A minha Santa Catarina com as vossas santissimas palavras amañades os meus ininmigos invisives e vizives, carnais ispirituas para que eles tendo boca não me fale, tendo mão não me pegão, tendo olhos não me vejam, tendo ouvido, não me escute tendo pernas não me seguirão suas armas não

⁴ Optou-se por transcrever os trechos das orações e cartas da forma como se encontram em seu suporte original, sem as atualizações de ordem semântica e gramatical pois tais formas podem trazer importantes contribuições para a análise do ato de escrita e da leitura dessas escritas ordinárias.

me fire seus veneno não me mate e ferros de cadeia não me prenderão. Armas de fogo contra mim negarão livrai-me Santa Catarina das tentações do demônio e das tempestades e os terremotos e os naufrágios, das ondas do mar e das doenças de febre e os desastres, calúnias e das quedas da inveja da falcidade do igoísmo e das raivas e do mau gênio e da morte eterna. Santa Catarina deime coragem para me defender-me.

Da leitura dos textos dessas orações, dentro da perspectiva de que sejam representantes de uma memória coletiva, pode-se aventar que os possuidores dessas orações as utilizavam com o objetivo de se resguardarem dos mais diversos males, desde picadas de cobras até terremotos, além das doenças, é claro. O que nos leva a crer numa manifestação de fé de cunho mais privado e individual.

Os agentes maléficis poderiam variar, contudo, é possível inferir que o principal inimigo a ser vencido fosse mesmo as doenças, dada a constante repetição delas nos textos das orações e também das cartas.

Nesta perspectiva a doença pode ser considerada um castigo por esta parcela de moradores do interior da ilha possuidores destas orações. Já a saúde uma dádiva alcançada pela graça divina conforme poderá se observar em trechos transcritos das cartas mais adiante.

A maior parte das orações e cartas analisadas apresenta datas entre as décadas de 1950 e 1980. Seus suportes apresentam marcas de uso, coloração amarelada, dobras, borrões, imperfeições, possivelmente causadas pelo uso constante e rotineiro.

Pode-se observar, ainda, o registro dos nomes dos proprietários das orações ao final do texto, por vezes apenas as iniciais dos nomes são observadas, como que a dar posse ao objeto, o que pode denotar um caráter mais pessoal e individual dessa prática de devoção e fé. Práticas religiosas que perpassam as práticas coletivas de vocação católica como as novenas e missas tão comuns no interior da parte insular da capital catarinense nas décadas iniciais da segunda metade do século XX.

Vale destacar que o que permanece é a materialidade física da escrita. Ou, ainda, outros objetos capazes de serem lidos em si mesmo, como por exemplo as orações e as cartas, podendo ser incorporadas à dita intertextualidade ou, pelo menos, de serem interpretados e traduzidos como signos portadores de sentidos para aqueles que as possuem (FRAGO, 2001:17). Tais signos podem contribuir para a percepção de outras possíveis versões e interpretações sobre práticas envolvendo fé, cura e saúde que, acredita-se, continuam a orientar e fornecer sentido à vida de uma parcela de moradores de Florianópolis no tempo presente.

Para um estudo mais pormenorizado desta intertextualidade é necessário vincular a esta apropriação os sujeitos responsáveis por ela; o contexto religioso em que estão inseridos e as circunstâncias que envolvem ou envolveram a (re)produção destas orações e cartas. O historiador deve poder vincular em um mesmo projeto o estudo da produção, da transmissão e da apropriação dos textos. O que quer dizer que ele deve saber manejar ao mesmo tempo a crítica textual, a história da escrita ou do livro e texto, e, mais além, a história do público e da recepção (CHARTIER, 1999:18)⁵.

A oração manuscrita e as cartas livres de qualquer relação com o sujeito que as (re)produziu estaria fadada a sofrer o mesmo que acontece a todo texto não lido: simplesmente não existiria. A oração manuscrita ou impressa e as cartas isentas dessa relação com seu crente e (re)produtor são apenas papéis amarelados pelo tempo, gastos pelo uso, em cujas palavras estertoram-se.

Nesses escritos devocionais (as orações) e memoriais (as cartas) não raras vezes são encontradas palavras sem sentido que parecem não ter qualquer relação com o texto, o que pode apontar para uma despreocupação com o conteúdo do que era escrito/copiado. O que importava era possuir o papel com os símbolos (letras) o qual é apropriado como um escudo capaz de curar e proteger, no caso das orações, ou de uma espécie de lugares de memórias tal como podem ser lidas as cartas manuscritas⁶.

Ressonâncias das várias apropriações sociais feitas da escrita como nos fornece exemplo Michel de Certeau: nativos da Ilha Espanhola (atuais países de São Domingo e Haiti) quando da dominação espanhola na ilha, acreditavam que as cartas trocadas entre os espanhóis falavam, fazendo-os incapazes de serem ludibriados. Já os Tupinambás julgavam a escrita resultado de alguma feitiçaria pois era capaz de ensinar a língua deles a aquele que não sabia dizer uma só palavra:

A palavra é, aqui, o corpo que significa. O enunciado não se separa nem do ato social da enunciação nem de uma presença que se dá, se gasta ou se perde na nomação. Não existe escrita senão onde o significante pode ser isolado da presença, ainda que os Tupinambá vejam nestes caracteres traçados sobre o papel uma forma enigmática de palavra, o ato de uma força; é certo que para eles a escrita é uma “feitiçaria, ou que para os selvagens da Ilha Espanhola “as missivas falem”. (CERTEAU, 2006: 217)

⁵ Convém esclarecer que não é objetivo deste texto realizar tal tarefa, dado, entre outros fatores, o reduzido espaço para a escrita bem como o fato deste texto ser parte adaptada de uma pesquisa que resultou na dissertação de mestrado, conforme já mencionado anteriormente.

⁶ Sobre apropriação e representação de escritos impressos ou manuscritos ver (CHARTIER, 1998; 2003 e 2004).

Para as orações manuscritas, objeto de análise, o ato de fé consiste em carregar o suporte material contendo as palavras escritas ou impressas e este ato, por si só, bastava para fazê-los crer protegidos de toda uma sorte de males, tais como doenças e feitiços.

Para além do escrito, como era escrita ou copiada a oração, também pode fornecer importantes elementos para pensar noções de tempo e visões de mundo. A maneira como foram grafados os títulos em algumas das orações podem apresentar importantes indícios para se pensar o tempo e a relação com a escrita nas décadas de 1950-80, ou mesmo no tempo presente.

Apresentando-se por vezes em letras maiores que as do texto em si, caprichosamente desenhados como que a valorizar o conteúdo que anuncia, os títulos podem indicar para outra relação com a escrita e com o próprio tempo dedicado para tanto. O desenho caprichoso da letra dos títulos denota a dimensão do tempo. Havia que se dispensar um tempo relativamente grande para a sua escrita e mesmo a lavratura dos textos das preces, o que demonstra que se deveria ter algum tempo livre para tanto. A própria ideia de tempo poderia ser concebida de maneira diferente da maneira atual, de um modo geral.

Aspectos privados de manifestação de fé podem ser percebidos em trecho da oração intitulada Oração de São Custódio: “Esta oração foi copiada no dia da sexta feira da paixão” (ver figura 1), da qual se pode inferir que a cópia desta oração envolvia um ritual mito-mágico cercado de crenças relacionadas aos preceitos e dogmas da igreja católica que perpassam a catequese e as escrituras sagradas atingindo ações e práticas do cotidiano dessas pessoas.

Vale destacar o quanto, muitas das manifestações privadas e mesmo coletivas de fé da população do interior da Ilha de Santa Catarina foram objetos de controle da igreja católica. Algumas dessas manifestações consideradas como ignorância religiosa do povo, deveriam ser abolidas ou reelaboradas (SERPA, 1997:21).

Dentre essas manifestações consideradas como ignorância, pode-se destacar a crença no feitiço, quase sempre atribuído a um afrodescendente (CABRAL, 1958:13), o qual poderia provocar doenças e até a morte. Objeto de medo pelos ilhéus e de combate pela igreja católica, o feitiço aparece com recorrência nas preces escritas carregadas pelos moradores da ilha.

Pertinente registrar que, sobretudo a partir de 1950, estão em evidência a ascensão de práticas religiosas de matrizes africanas⁷ que receberão, por assim dizer, forte oposição por parte da igreja católica e, sobretudo serão marginalizadas por aqueles que estão a inscrever as manifestações do folclore local no rol da cultura popular catarinense⁸:

Tratava-se da recorrência do discurso católico a saberes por ele qualificados como legítimos para interpretar a realidade brasileira do período. Nessa realidade, o surgimento e proliferação da Umbanda aparecia com uma relevância ímpar, o que é atestado pela criação, em 1952, de um Secretariado Especial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, destinado a enfrentar a escalada da Umbanda e demais “cultos mediúnicos” no mercado de bens simbólicos. Trata-se do Secretariado Nacional de Defesa da Fé. (ISAIA, 1999:17).

Dentre esses bens simbólicos⁹, a cura figura como um dos principais bens em disputa. Amplamente oferecido por outras religiosidades emergentes, apesar da forte repressão policial contra essas manifestações religiosas, como ocorria nos terreiros de Umbanda da grande Florianópolis (TRAMONTE, 2001:7-48). Assim, ao que tudo indica, o feitiço parece surgir como grande vilão a ser combatido pelo discurso católico, podendo se percebido nos textos das orações.

Muitos dos ilhéus acreditavam que poderiam ser vítimas de perigos e malvadezas praticadas por seres sobrenaturais. Personagens e perigos, criados e alimentados contos contados ao cair da tarde, em noites de vento sul ao pé do fogão de lenha. Estórias narradas entre gerações e que envolviam bruxas, lobisomens, o diabo¹⁰.

Em algumas dessas orações manuscritas é possível perceber a materialização, por assim dizer, desses males escatológicos, tal como a “inveja” e o “feitiço”. Eles são enumerados nas orações, e, em súplica, pedia para que deles fosse livrado o portador da oração. Como é possível inferir a partir da leitura do trecho abaixo transcrito da “Oração de Jesus Christo da Cruz de Caravaca”:

Romão meu senhor São Bento meu Sebastião meu São Francisco de Asis e todos os santos da Corte do céu e da terra me livrai de bicho achado e por

⁷Sobre este tema ver: Anais do III Simpósio do GT História das Religiões e das Religiosidades da Associação Nacional de História (GTHRR-ANPUH) – Vida e Morte nas Religiões e nas Religiosidades. Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) . V, n.18, jan/2014.

⁸ Sobre a ideia de cultura popular ver (CERTEAU e JULIA, 1989, p. 49-75).

⁹ Para um entendimento do conceito de bem simbólico ver (BOURDIEU, 1999).

¹⁰ Ver (CASCAES, 2002 e 2003); (BOITEUX, 1957) e (SABINO MARTINS, 2004 e 2009).

achar e de cão danado e por danar de homem vivo mau tirgue de homem morto mau encontro e **de todo os perigos das doenças ruins invejas feitiçarias** e desastres me valha minha gente, me valha minha gente, me valha minha salve novena me valha minha **Santa Cruz de Caravaca** me valha minha **3 pessoas da Santíssima trindade gloria pai i filho Espirto Santo** as 3 pessoas divinas que são Deus Verdadeiro e amem Jesus (grifos nossos)

A oração evoca um séquito de santos para que proteja o portador dos mais variados males, entre eles a inveja e o feitiço (destacados). Para tanto, remete a símbolos cristãos como a Cruz de Caravaggio¹¹ símbolo das Missões no Brasil, além de evocar também as três pessoas da Santíssima Trindade os quais seriam capazes de impedir doenças, inveja ou feitiçarias, segundo acreditavam os possuidores das orações.

O texto da maioria das orações é carregado de símbolos do cristianismo: como o sangue de cristo e a cruz. Por exemplo, uma das orações manuscritas cujo título é “Oração de São Jorge” possuiu três cruces caprichosamente desenhadas em seu suporte. E como se não fosse o suficiente o desenho das cruces a palavra cruz aparece seis vezes no decorrer do texto da oração que é relativamente grande composta por 28 linhas de uma folha de papel pautado, tamanho A4.

Com a **crúz** de christo vou a acompanhado com o leite da Virgem Maria estou esleurifado [...] os bons, por mim passarão os maus nem me encherarão a **crúz** de Christo está sobre mim [...], tomo a Deus por meu pai e as onze mil virgem por minhas irmãs: e os doze apóstolos Por meus irmãos, E com a chave de São Pedro seja meu corpo trancado que não seja preso nem ferido nem atentado por meus inimigos, a flontado [...] como Jesus Christo umildou-se a bela **crúz** [...] Jorge pega essas 3 **crúz**, que são as 3 **crúz** da Santíssima trindade [...] As 3 **crus** que a de me defender e me livrar de todos mal assim seja.

Para seus possuidores e crentes, ao que tudo indica, as orações manuscritas ou impressas serviam como uma espécie de escudo protetor, também, contra perigos bastante reais os quais podiam estar expostos diariamente.

¹¹ Embora a escrita da palavra na oração tenha sido grafada como “Caravaca”, é aventada a possibilidade de se referir a Cruz de Caravaggio, um dos símbolos das Missões. Denotando uma despreocupação com a escrita propriamente e sua grafia. O que importava mesmo, cogita-se, era a simbologia que aquele pedaço de papel contendo palavras tidas como sagradas, significava para o seu portador. Sobre a Cruz de Caravaggio o Museu Histórico da cidade de Guairá/PR possui em seu acervo uma peça fundida no século XVI, a “Cruz de Caravaggio”, uma das peças que marca a passagem dos espanhóis e das Missões por aquela região.

É importante ter em conta que cerca de seis décadas atrás, os habitantes, principalmente os do interior da ilha, estavam mais submetidos às forças da natureza e os perigos advindos dela; seja em terra-firma, seja em alto-mar. Viviam mais intensamente a natureza, uma relação por vezes harmônica, por vezes conflituosa. E essa relação, por assim dizer, é percebida nas orações.¹²

Franklin Cascaes (1908-1983)¹³ apresenta-nos indícios da situação desses moradores do interior da ilha e sua forte dependência da terra ou do mar.

Eles são pessoas mais ou menos alegres na presença dos outros, mas em casa, na vida doméstica, na vida comum deles, eles são pessoas tristes, muito sofredoras. A pesca é vida ingrata, passam muitas necessidades. Nem sempre aparece peixe, em casa há falta de tudo. Às vezes ficam devendo na venda, compram um pouco e depois tem a preocupação de pagar aquilo, o que nem sempre oferece ocasião. Então são pessoas não muito alegres, a fisionomia quase sempre é abatida. Vai à pesca, uma, duas, três quatro vezes e não apanha peixe, não captura nada. Então ele volta triste, a família em casa esperando. A defesa, geralmente, são as pequenas plantações onde eles só não são mais ativos por falta de força física, a má alimentação que eles têm. Eles comem peixe com farinha, eles não têm outro modo de se alimentar. Eles não ganham o suficiente para se alimentar.(CASCAES, 1981:82).¹⁴

Habitando regiões montanhosas, de difícil acesso e o transporte feito basicamente a pé ou pelo mar (quando possível), (VARZEA, 1985), carentes muitas vezes de uma boa alimentação, dependendo somente de seu esforço próprio para o seu sustento e de sua família, esses moradores de fato possuem uma relação bastante dependente do seu próprio esforço e trabalho tanto no mar como na terra para a sobrevivência .

Pode-se inferir o quanto a saúde era importante para eles, constituindo-se no maior bem que essas pessoas possuíam. Doentes não podiam tratar dos animais, pescar, plantar, e colher a mandioca nem fazer a farinha, ou plantar milho, feijão para comer, vender ou trocar por outros alimentos.

A saúde parecia ser uma das maiores preocupações do povo ilhéu, morador das freguesias e bairros afastados da região central, o que se pode inferir, também, da excessiva

¹² Sobre a relação entre narrador e natureza ver (BENJAMIN, 1987:210).

¹³ Franklin Cascaes (1908-1983) registrou, a partir de 1946, relatos de histórias que ouviu quando criança e depois quando adulto, já com 36 anos quando resolveu pesquisar por conta própria embarcado numa canoa pelo interior da Ilha de Santa Catarina (CASCAES, 1981: 21-30).

¹⁴ A obra referida foi organizada por Raimundo Caruso, com base nas pesquisas e entrevistas que realizou Franklin Cascaes pelo interior da Ilha de Santa Catarina.

preocupação demonstrada com a saúde em algumas correspondências trocadas entre familiares do interior da ilha:

[25 set 1958] Meu bom e querido pai.

Escrevo-lhe essa cartinha afim de lhe dar notícias minhas. E no mesmo instante tenho o prazer de encontrar os de casa **gozando boa saúde** e felicidade! Meu pai eu aqui no Hospital vou indo mais o menos por que depois que o senhor teve aqui tenho tido pouca melhora. Não há meio do pé secar para vir o corinho ainda tar em carne viva só corre uma água que molha panos e panos que eles botam **tar custando a sarar mais há de sarar com a Graça de Deus.** (grifos nossos)

[28 out 1968] Prezados paes

No momento em que lhe escrevo-lhe esta, e para saber como vão indo de **saúde por hai, enquanto eu por aqui vou indo bem graças a Deus** em companhia de minha família, e ao mesmo tempo para diser-lhe que não tenho comparecido por hai por falta de tempo, não de vontade ... (grifos nossos).

[5 dez 1969] Lembrados paes

Antes de tudo faço votos que ao receber essa esteje **todos com saúde na paz de Deus.** E ao mesmo tempo dezejo Boas Festas, um Feliz Natal e Próspero Ano Novo, para toda nossa Família. Eu por enquanto vou **bem de saúde graças a Deus** com toda a família. (grifos nossos)

[15 mar 1970] Lembrados Paes

Venho por meio desta, solicitar-lhe aos melhores votos de felicidade e ao mesmo tempo **o espero encontrar gozando de boa saúde,** enquanto **eu vou indo bem de saúde,** em companhia de minha família, só muito triste por não poder auxiliar qualquer coisa a vocês essa semana não por falta de vontade e que essa semana eu gastei um pouco mais do que ganhei, [...] (grifos nossos)

Da correspondência manuscrita mantida pelo filho saudoso da família pode-se inferir que de todas as suas preocupações, a primeira era com a saúde, sua e dos seus pais, também o caráter religioso pelas tantas vezes que fez menção a Deus como responsável pela sua saúde e felicidade. Também se pode inferir o quanto a cura e a saúde eram considerados como dádivas divinas. Concessões de Deus, como apontado pelo autor das cartas que por diversas vezes atribui a boa saúde e a cura à vontade de Deus.

Na primeira carta (1958), pode-se perceber que o autor encontrava-se em recuperação num Hospital em razão de ter ferido o pé. Provavelmente o hospital a que ele se refere seja o Hospital Imperial de Caridade, primeiro por ser o único da época que atendia à população civil de um modo geral, segundo por que o próprio escritor da carta faz menção no corpo da

carta ao Senhor dos Passos, padroeiro da Irmandade de mesmo nome responsável pelo Hospital¹⁵.

O trecho a seguir, transcrito a partir de carta manuscrita datada de 1958, pode contribuir, de alguma forma, com o registrado por Cascaes, e citado anteriormente, de que são os moradores da ilha os próprios a plantar o alimento responsável pelo sustento:

Minha mãe se a senhora puder a vê se pranta a metade do meu amedoim um poquinho graxa e do verme se não fica muito tarde planta na coivara de mandioca e o outro eu pranto escolhe uma terrinha boa por hoje é só.

Outro trecho de carta manuscrita de 1970, pode-se verificar a tentativa de venda de uma pequena quantidade de milho por parte do autor em atendimento de um pedido dos pais. É possível inferir as dificuldades e as privações que essa família passava, sobretudo quando o escrevente ressalta a necessidade do pai na venda do produto.

Finalizando essa carta quero dizer lhe que o pedido que vocês fêz, para vender o milho não foi pocível, pois andei a manha toda e não comcequi verder percorri todas as pipoqueiras, e demas armanzen, todos me falaram que tinha bastante milho, e de formas que foi tudo inutil **sei que o Sr. Precisa** mais o jeito e esperar mais uns dia...(grifo nosso)

As cartas manuscritas além de proporcionar a aqueles que delas tem a posse, recordações e lembranças de um tempo, podem fornecer importantes indícios de como viviam, seus usos e costumes.

Apresentando, por vezes, novas versões de um passado que emerge em meio a palavras, lágrimas, suspiros e sorrisos, manifestações de memórias e recordações individuais que apontam para ações coletivas.

Assim por meio do uso de escritas ordinárias: orações e cartas manuscritas, legados por pessoas comuns moradoras do interior da Ilha de Santa Catarina, foi possível apresentar uma manifestação de fé caracterizada, principalmente, por um caráter mais pessoal, privado. Também foi possível evidenciar uma visão de mundo predominantemente religiosa e que apontam a incidência da importância dos bens simbólicos cura e saúde. Uma visão que, em última análise, considera tais bens, como sendo responsabilidade divina.

¹⁵ O hospital Nereu Ramos, segundo a ser construído em Florianópolis, foi inaugurado em 1943, contudo atendia apenas aos pacientes com doenças infecciosas. Sobre os hospitais da grande Florianópolis ver (BORESTEIN,

Referências

- BENJAMIN, Walter. O narrador; considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987: 197-221.
- BOITEUX, Lucas Alexandre. **Poranduba Catarinense**. Florianópolis: Comissão Catarinense de Cultura, Florianópolis: 1957.
- BORESTEIN, Miriam. **Hospitais da Grande Florianópolis**. Florianópolis: Assembléia Legislativa, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- CABRAL, Osvaldo Rodrigues. **A medicina Teologica e as Benzeduras: suas raízes na História e sua persistência no folclore**. São Paulo: Departamento de Cultura. 1958.
- CASCAES, Franklin. **Vida e Arte e a colonização Açoriana**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1981.
- _____. **O Fantástico na Ilha de Santa Catarina**, Vol. 2. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.
- _____. **O Fantástico na Ilha de Santa Catarina**, Vol. 1. Florianópolis: Editora da UFSC. 2003.
- CASTILLO, Antônio Gómez. **Cultura Escrita y clases subalternas: una mirada española**. Oiartzum/Espanha: Sendoa, 2001.
- CERTEAU, Michel de, **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CERTEAU, Michel de e JULIA, Dominique. A beleza do morto: o conceito de “cultura popular”. In: REVEL, Jacques (org). **A invenção da sociedade**. Lisboa: Difel, 1989, p. 49-75.
- CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Unesp, 2004.
- _____, **Formas e Sentido: Cultura Escrita: Entre distinção e apropriação**. Campinas/SP: Mercado das Letras, Unesp, 2003.
- _____, **As utilizações do objeto impresso**. Lisboa: Difel, 1998.
- _____, **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP. 1999.
- LAGROU, Pieter. O tempo presente é passado. In: PORTO JR, Gilson (org). **História do Tempo Presente**. Bauru/SP: Edusc, 2007, p. 31-45.

ISAIA, Artur Cesar. A Umbanda: As imagens do Inimigo no discurso católico de meados do século XX. In: **Anais do I Simpósio sobre a História das religiões**. Assis/SP, 1999.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p. 3-15.

RIOUX, Jean Pierre. Pode se fazer uma história do presente? In: CHEVEAU, A e TETART, P. (org) **Questões para a História do presente**. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

SABINO MARTINS, Marcelo. **Minha prece, meu escudo: a prática da fé em orações manuscritas ou impressas em Florianópolis entre 1950-1980**. Florianópolis, 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação e Bacharelado em História). Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

_____. **Rezas, ervas e búzios: religiosidades e práticas de cura na “Ilha da Magia”, um exercício histórico no tempo presente**. Florianópolis, 2009. Dissertação de Mestrado em História. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

SANTOS CUNHA, Maria Teresa. Diários íntimos de professoras: letras que duram. In: MIGNOT, Maria Helena C. B. et al (org). **Refúgios do eu: Educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 159-180.

SERPA, Elio Cantalício. **Igreja e Poder em Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da Universidade Federal do Estado de Santa Catarina, 1997.

TRAMONTE, Cristina. **Com a bandeira de Oxalá: trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis**. Florianópolis: Diálogo, Cultura e Comunicação; Ed. Da UNIVALI e Ed. Lunardelli, 2001.

VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina – A Ilha**. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985.

VIÑAO FRAGO, Antônio. Por uma História da Cultura Escrita: Observações e reflexões. In: **Cadernos do Projecto Museológico 77**. Santarém/Espanha: Escola Superior de Santarem, 2001.